

## Índice

<i>Nota sobre a linguagem inclusiva</i>	11
Apresentação do autor	13
1. Introdução	17
2. O natural e o construído (natureza e performatividade)	25
3. A liberdade de criação	81
4. Arautos de um mundo melhor	169
5. G, L, B, H, T, I, Q... e o fim da heterossexualidade	199

## Nota sobre linguagem inclusiva

O objetivo da linguagem inclusiva não é o de fazer desaparecer as injustiças, muito pelo contrário: é o de fazê-las aparecer. Neste texto, teria sido muito difícil (talvez mesmo impossível) utilizar essa estratégia de um modo adequado: na maior parte dos casos, quando digo «nós», eu próprio não sei se estou a referir-me a todos os homossexuais — homens ou mulheres —, a todos os homens — homossexuais ou heterossexuais —, apenas aos homens homossexuais ou a todo o género humano. No entanto, como o objetivo é tornar evidente o facto (intolerável) da invisibilização das mulheres, considereei mudar de estratégia e pedir aos leitores que procurem e denunciem. Como incentivo, organizarei o seguinte sorteio: qualquer leitor pode escrever para [elogiodelahomosexualidad@gmail.com](mailto:elogiodelahomosexualidad@gmail.com) assinalando, pelo menos, dez ocasiões em que o uso do masculino genérico o tenha feito pensar unicamente em homens quando, inequivocamente, deveríamos representar homens e mulheres por igual. Entre os

*e-mails* recebidos, escolherei um que, através de sorteio, será premiado com um conjunto de livros úteis para o aprofundamento de tudo o que será desenvolvido neste livro. Espero que este concurso ajude a tornar mais visível essa injustiça, que se produz não apenas neste texto, mas em qualquer outro.

## Apresentação do autor

O meu nome é Luis Alegre. Sou homem, branco, homossexual, de classe média, madrileno, professor de filosofia, membro do Podemos... em suma, tão singular como qualquer outro, e a quem foi pedido que escrevesse um elogio da homossexualidade.

A primeira dúvida que me assaltou foi: estou a falar em nome de quem ao escrever um livro como este? Em nome de todas as pessoas? De todos os homossexuais? Apenas dos homens (mas não das mulheres)? Unicamente dos homossexuais madrilenos ou dos da classe média? A verdade é que não estou muito seguro. Espero não estar a falar apenas em meu próprio nome (como indivíduo particular), porque, nesse caso, este livro careceria por completo de interesse (exceto para mim mesmo). E acredito que não seja assim de todo.

Neste *Elogio da Homossexualidade*, são abordados tipos muito diferentes de coisas, e suponho que cada leitor se identificará, de forma diferente, com cada uma delas. Um elogio como o que consegui escrever

estabelece complexidades muito repartidas em vários eixos: às mulheres heterossexuais, une-me um vínculo muito forte: o desejo partilhado pelos homens (e, em particular, pelos homens heterossexuais). Com as lésbicas, partilho a homossexualidade, mas sobre construções iniciais de desejo que suspeito serem bastante diferentes. Às mulheres em geral (lésbicas e heterossexuais), une-me uma opressão comum exercida pela mesma estrutura tradicional. E a inimizade partilhada une quase tanto como o amor. Por outro lado, nós, homens, temos em comum sermos produto do mesmo molde (quem saberá quanto dele é natural e quanto é construído), molde esse que está pensado para ser um privilégio, mas que, muitas vezes, se converte num fardo. Aos homens heterossexuais, unem-me atitudes e comportamentos que repudio, mas nos quais me reconheço; e, a muitos homens homossexuais, une-me o amor e o sexo (que unem muito) e uma certa atitude geral perante a vida.

Espero, em todo o caso, que os homossexuais se reconheçam mais neste livro do que aqueles que não o são. Mas os heterossexuais têm, na realidade, muito mais a ganhar com ele: um dos principais objetivos é que lhes seja útil para descobrirem em que é que eles próprios consistem e como é que funcionam. Há mecanismos que nós, homossexuais, conhecemos desde sempre e que, no entanto, nunca revelámos (talvez por temor de que tornassem a nossa vida ainda

mais impossível). Contudo, este é o momento de resolver alguns mistérios. E é o momento de o fazer porque nos encontramos, por assim dizer, na Idade de Ouro da homossexualidade: antes, a repressão e a hostilidade eram tão atrozes que um elogio como este teria sido impossível. Por outro lado, espero que, num futuro não muito distante, a «homossexualidade» como compartimento em que nos reconhecemos tenha perdido parte do seu sentido: identificarmo-nos, reconhecermo-nos, construirmo-nos e resistirmos em torno de uma opção sexual contra uma opressão comum.

Exatamente por isso, como é lógico, este livro fala muito sobre sexo. Não é que o sexo seja a única coisa a que nós, homossexuais, nos dedicamos na vida. Por exemplo, eu dedico mais tempo ao meu trabalho como professor do que ao sexo e, nos últimos anos, dediquei todas as minhas energias à fundação do Podemos, algo de que humildemente me orgulho. Agora, uma vez criado, decidi deixar que os heterossexuais o destruam a partir da Vistalegre<sup>1</sup> (utilizando a esperança das pessoas para alcançarem as suas coisas).

---

<sup>1</sup> Tal como a I Assembleia de Cidadãos do Podemos, a II Assembleia de Cidadãos teve lugar, entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017, no Palácio da Vistalegre, em Madrid, sendo denominada de «Vistalegre 2». As bases do Podemos deram então uma vitória contundente a Pablo Iglesias e à sua política mais radical e de esquerda, contra Juan Moreno Yagüe. [N. do T.]

No entanto, na medida em que somos classificados em torno da variável sexual (como homossexuais), falar de «nós» implica, automaticamente, falar de sexo. Este é em parte um problema de que sofremos enquanto vítimas: somos obrigados, de certo modo, a falar de sexo com os nossos pais (quando para os hétéros isso é apenas uma opção); presumem-se sexualizados todos os aspetos da nossa vida e, a fim de participar em âmbitos não explicitamente sexualizados, somos forçados a dar garantias adicionais de que não subjaz a isso qualquer intenção sexual, etc.

Agora, esses inconvenientes são claramente compensados: nós, homossexuais, em geral atribuímos ao sexo, de uma forma explícita e consciente, a importância que lhe corresponde, e isso abre um universo de liberdade desconhecido para a maioria dos heterossexuais. Este elogio é dirigido àqueles que tenham curiosidade em conhecer, ao menos, as linhas mestras do nosso universo, que, por certo, anuncia o futuro.

## 1. Introdução

A época dourada da heterossexualidade, que durou vários milhares de anos, está a chegar ao fim. As pessoas que até agora se encontravam presas nesse conceito também estão de parabéns. Embora talvez ainda não o saibam, cedo perceberão quanto têm para celebrar: pode vir a dar-se o caso de que os homens já não tenham de andar à pancada para dizerem que se amam, ou mesmo que mostrarmo-nos frágeis e vulneráveis (algo que em nós, humanos, é natural) não implique um golpe na linha de água da própria identidade. Também pode vir a acontecer que as mulheres não se vejam compelidas a procurar um príncipe encantado no primeiro cretino com que se deparam. Os prisioneiros do conceito (muitos homens e mulheres heterossexuais) estão gradualmente a ser libertados. Ainda que haja sempre aqueles que, fazendo gala de uma servidão voluntária, continuem relutantes em aceitar que aquilo a que chamavam «o mundo» era, na realidade, uma cela (ou um «nicho»).

Hoje em dia, tudo são más notícias para o nicho. O heterointegrismo está em claro retrocesso. É verdade que, à semelhança de uma fera acuada, ele subsiste com especial violência nas trincheiras que lhe restam, investindo com sanha, sobretudo contra adolescentes e idosos. Mas, mesmo entre os mais vulneráveis, surgem porta-vozes da liberdade, que forçam curvar a alma também àqueles que, por fora, insultam ou agredem, numa tentativa de evitar que a sua própria pureza seja posta em causa; pureza que, em qualquer caso, já não proporciona os mesmos réditos de outrora, nem mesmo para a caça de presas femininas. Cada vez são mais as mulheres que desconfiam (e com razão) dos homens que «nunca na vida», «por nada deste mundo», teriam sexo com outro homem. Entre outras coisas, porque sabem que é mentira: por exemplo, todos os adolescentes se masturbam com os amigos. E isso é sexo, qualquer que seja a forma como se olhe. É bem verdade que a masturbação coletiva da adolescência dá gradualmente lugar, ao longo do tempo, a masturbações ou felações mais simbólicas (por exemplo, a troca obscena de elogios, da qual as mulheres são excluídas). A esta altura do campeonato, não deveria haver essa necessidade de nos enganarmos a nós mesmos. E, com maior frequência, mesmo as mulheres heterossexuais desconfiam desses homens entrincheirados na ordem das essências que nos foram legadas pelos nossos antepassados (segundo a qual,

por exemplo, as masturbações coletivas da adolescência ou as felações simbólicas entre varões adultos não são sexo entre homens).

A heterossexualidade feminina, em contrapartida, foi sempre algo muito diferente. Para começar, porque foi bastante menos heterossexual. O facto de a sexualidade entre mulheres ter sido capaz de ser um pouco mais livre é um daqueles casos (mais frequentes do que seria de esperar) em que uma causa perversa tem efeitos positivos. A sexualidade das mulheres foi-lhes negada das formas mais brutais e, para isso, no sentido de a tornar invisível, foram feitos os maiores esforços (na crença, muito masculina, de que as coisas invisíveis não existem). Esse objetivo criminoso permitiu, no entanto, que houvesse menos pressão sobre os seus gestos, movimentos ou olhares. Nada era interpretado como sexual porque o pressuposto de base consistia em negar por completo a sua própria sexualidade. Referimo-nos, claro está, aos gestos e aos movimentos das mães, das irmãs, das amigas, das esposas... não aos das putas, evidentemente, que essas sempre tiveram um desejo sexual constante; de facto, era esse desejo que, por definição, fazia delas putas.

No entanto, esta causa perversa e criminosa permitiu que as mulheres se tocassem umas às outras sem tantos problemas, que se acarinhassem, que passeassem de mãos dadas, que se cumprimentassem com beijos em vez de com palmadas, que viajassem juntas,

que dormissem juntas, que, inclusive, vivessem juntas sem que ninguém visse nisso nada mais do que uma bela amizade; completamente invisíveis, mas, de certo modo, livres dentro desses espaços de opacidade. O caso mais extremo ocorreu quando a rainha Vitória se recusou a penalizar o lesbianismo por considerar que tal coisa não podia existir: era impossível que qualquer *lady* pudesse fazer tais coisas. Dessa forma bizarra, o lesbianismo permaneceu legalmente permitido (ou, pelo menos, não punido) porque não havia certamente nenhum *lord* corajoso o suficiente (ou suficientemente insensato) para dizer à rainha que ela se havia enganado, que estava a mentir ou que estava louca.

Desse modo, as mulheres desenvolveram uma relação diferente com a homossexualidade. De facto, converteram-se em decisivas aliadas no assalto à cidadela onde as essências dos nossos antepassados são preservadas. Esta aliança natural de todos os homossexuais com as mulheres, a que se somam legiões de bissexuais e heterocuriosos (cavalo de Troia da liberdade), está a conseguir assaltar com sucesso a fortaleza das antigas essências.

Houve um tempo, não muito longínquo, em que essa cidadela parecia inexpugnável. A luta começou com um punhado de heróis e de heroínas que se lançaram, de peito aberto, ao assalto. Esse ato heroico custou-lhes a prisão, surras, chacotas, exclusão e a fama

de vadios e meliantes. Há muito mérito em sermos corajosos, mesmo quando premiados com a glória e o reconhecimento público. Mas quando a recompensa geral eram a humilhação e o escárnio, é um milagre que os nossos antepassados tenham mostrado tanta valentia. E, no entanto, ali estavam eles, um punhado de combatentes dispostos a dar a vida (mas não a tirá-la) em nome da sua liberdade e da liberdade de todos. É incompreensível que as nossas praças não estejam cheias de monumentos à memória desses heróis cuja bravura nos fez livres. O seu legítimo lugar está ainda ocupado por generais e monarcas a cavalo, que estavam dispostos a tirar a vida (mas não a dá-la) em troca de honra e de glória (em operações de conquista, pilhagem e todo o tipo de atropelos). Mas essa injustiça, que se exhibe diariamente nas praças públicas, será reparada mais cedo ou mais tarde.

Os heróis e heroínas que se lançaram sozinhos a assaltar a cidadela, enfrentaram o mundo (literalmente) e acabaram por virá-lo ao contrário. Pouco a pouco, conquistaram, num primeiro momento, o seu direito a não serem presos ou perseguidos. Mas não era suficiente. Um passo muito difícil continuava ainda por ser dado: que os cidadãos, no seu conjunto (independentemente da sua sexualidade), se recordassem de que a liberdade é um direito que pertence a todos (e não apenas a uns quantos esquisitos). Com esse direito, em seguida, cada um poderá fazer aquilo

que considere oportuno, incluindo cingir-se, assim o queira, aos cânones mais convencionais ou até mesmo renunciar por completo ao sexo, se for essa a sua vontade.<sup>2</sup> Mas não reconhecer esse direito a todos implica também um atentado contra as opções maioritárias, privando-as da sua dignidade enquanto opções e convertendo-as em humilhantes imposições. A liberdade sexual, como qualquer direito em geral, é algo de que, a bem dizer, ninguém desfruta a menos que esteja garantido para todos. E, por isso mesmo, as reivindicações de lésbicas, *gays*, transexuais, bissexuais,

---

<sup>2</sup> Nota para facilitar o trabalho de futuros arqueólogos: mesmo no ano em que escrevo (2017), há pessoas que afirmam não compreender que estas duas coisas não são alternativas ideológicas simétricas, mas de sentido contrário: por um lado, o compromisso fanático de impormos a todos por igual o mesmo modelo de relação afetiva e sexual; e, por outro, o nosso compromisso para com a liberdade. O nosso compromisso para com a liberdade não tem nada contra a existência de famílias constituídas por um pai, uma mãe, um filho e um periquito, enquanto o Foro de la Familia, esse sim, pretende que nós não existamos. Para que fossem alternativas simétricas, mas de sentido contrário, teríamos de reclamar, por exemplo, que fosse obrigatório por lei experimentar tudo no que ao sexo diz respeito; coisa que, tanto quanto sei, nunca ninguém propôs. Quando isto for lido por gerações futuras, seguramente que já não restarão desse modelos senão ruínas irreconhecíveis. Em qualquer caso, por favor, recuperem esses vestígios para que haja um registo do nível de estupidez ou de má-fé de que nós, humanos, fomos capazes.

intersexuais e esquisitoides em geral eram algo que dizia respeito não a uma parte, mas a todos os cidadãos no seu conjunto. Desse modo, as manifestações do Orgulho *Gay* começaram a atrair, em geral, qualquer pessoa comprometida com a liberdade e com os direitos humanos. Mais gente a cada ano.

Mas a coisa não se ficou por aí. Muitos dos participantes passaram a olhar com uma mescla de curiosidade, inveja e orgulho exterior para um mundo que suspeitavam mais livre (e mais divertido) do que o seu. Essa suspeita foi-se impondo como uma tentação tão poderosa que, por exemplo, em Madrid, as festas do Orgulho acabaram por converter-se em genuínas festas populares da cidade. Todos os anos, num determinado dia, o povo de Madrid reúne-se em torno de alguma diva urbana com mais júbilo do que aquele que conseguem suscitar Santo Isidoro, São Lorenzo, São Caetano e a Virgem de la Paloma todos juntos.

Mas a maior das surpresas estava ainda por vir: dançarmos juntos pode converter-se na maior oportunidade para criarmos livremente. Por vezes, pode fazer ir pelos ares o mundo das essências e a alegada ordem natural das coisas para dar lugar a um mundo mais amplo.

Dessa forma, foram sendo erodidas as fronteiras de um conceito, a «heterossexualidade», que oprime aqueles que inclui e discrimina aqueles que exclui.

Quando essa guerra for ganha, talvez possamos também prescindir dessa torre de resistência e de assalto a que chamamos «homossexualidade». Nesse dia, celebraremos todos juntos o triunfo da liberdade face à nossa discriminação e à sua opressão. Entretanto, mantenhamo-nos na nossa posição G (ou na das irmãs L, T, B, I, Q...) e conservemos o seu carácter acolhedor, livre e feliz.